

## Governo e bancos ganham com inflação

*Os maiores prejudicados com a persistência da alta são os assalariados e setores que têm menos poder para reajustar preços*

WANISE FERREIRA  
e FÁBIO PAHIM JR.

A perspectiva de nova alta da inflação, segundo tendência detectada pelos institutos de pesquisa, vai prejudicar cada vez mais aqueles que têm menor poder para reajustar seus preços e rendimentos, como os assalariados. "Governo e bancos saem ganhando e o setor produtivo, face às incertezas, acaba se defendendo no mercado financeiro", afirma Luiz Nelson Porto Araújo, diretor de assuntos econômicos da Trevisan Auditores.

"Mas a inflação não é um jogo de soma zero ou positiva, e sim de soma negativa", afirma o economista Ruben Almonacid, da FEA-USP. "A sociedade como um todo não ganha da inflação e temo que o próprio governo não leve vantagem em razão da ineficiência com que gere os recursos do imposto inflacionário".

Para obter o imposto inflacionário, o governo emite moeda e a utiliza para pagar fornecedores e funcionários públicos, entre outros. Esse imposto, também conhecido como senhoriação, equivale ao "valor real do acréscimo do estoque de moeda" — em linguagem econômica, o acréscimo de papel-moeda em poder da população e dos depósitos à vista nos bancos. Em valores absolutos, houve um imposto inflacionário de Cr\$ 99 trilhões ao longo do ano de 1992 — mas hoje esse valor real é muito superior, porque também ele tem de ser corrigido pela inflação. Um ex-presidente do Banco Central estima o imposto inflacionário entre 2% e 3% do Produto Interno Bruto (PIB) — ou seja, US\$ 9 a US\$ 13,5 bilhões. "Além do governo e dos bancos — confirma ele — não há ganhadores. Todos os demais setores da sociedade saem perdendo". Mas Almonacid observa que perdem mais aqueles que não usam o sistema financeiro para ob-

ter remuneração diária para seus recursos.

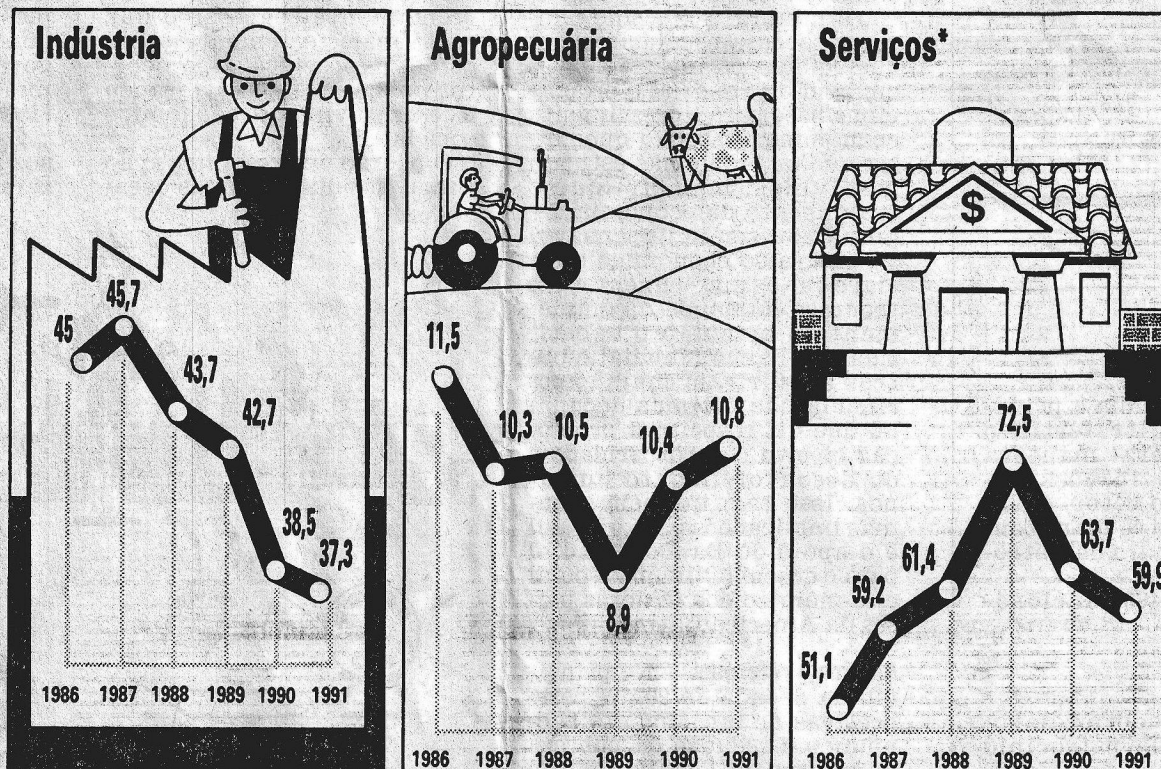
No caso da queda de rendimento dos assalariados, a inflação não é um fator isolado. Em geral vem conjugada com uma política salarial ineficiente. Segundo pesquisa do Dieese, desde 1985, dois momentos foram mais graves para os trabalhadores. Um deles foi o fracasso do Plano Cruzado, no final de 1986 e início de 1987 e o outro após o Plano Collor, em 1990 e 1991.

Em outubro de 1986, ainda sob o efeito do Plano Cruzado, o rendimento médio dos salários teve um ganho de 23,4% comparado ao que ganhava o trabalhador em 1985. Oito meses depois, em julho de 1987, foi registrada uma queda de 29,1% que representou nesse período uma queda acumulada de 42,5%. Em dezembro de 1989, final do governo Sarney, quando os salários eram reajustados mensalmente, o rendimento voltou à média de 1985, mas começou a cair em seguida, acumulando em cinco meses uma taxa negativa de 34,6%.

A indústria da construção pesada

### Quem ganhou e quem perdeu

Evolução da participação no PIB dos setores econômicos (em %)



Obs: Têm grande peso no setor de serviços o comércio, instituições financeiras, administração pública e transportes em geral.

desde 1989 têm tido desempenho fraco, mas não perdeu em lucratividade. "Trata-se de um dos setores com maior liquidez da economia, podendo se manter com ganhos financeiros", comentou Celio Lora. O comércio varejista, por sua vez, teve um crescimento de vendas de 30% em 1989, mesmo com a escalada inflacionária. Nesse ano sua rentabilidade foi de 9%. Em 1990, com o Plano Collor, o desempenho retraiu em 20% mas ainda assim foi possí-

vel uma lucratividade de 1,6% que, entretanto, sofreu queda de 4% em 1991 quando as vendas tiveram um decréscimo de 19%.

O setor industrial, na análise de Luiz Nelson Porto Araújo, não consegue ter o mesmo ritmo de reajuste de seus preços quanto os bancos fazem com seus rendimentos, que são diários. Mesmo assim atingem, em geral, uma periodicidade maior do que os gastos que têm com a folha de pagamento.